O RACISMO RELIGIOSO COMO TENTATIVA DE SUICÍDIO DA CRIAÇÃO

Josias Vieira do Nascimento Junior*

Resumo

Através do presente trabalho pretende-se fazer um estudo de caso seguido de pesquisa bibliográfica como metodologias para a tentativa de responder ao seguinte questionamento: "Vive-se hoje uma tentativa de suicídio por parte da criação de Deus?" O ponto de partida para esta breve análise será o caso da menina Kailane Campos de 11 anos, em 2015 no Rio de Janeiro, que foi alvejada por uma pedra atirada por suspeitos que se utilizavam de jargões evangélicos no ato da violência. Como fonte de pesquisa para o referencial teórico lança-se mão dos trabalhos de Roger Bastide e de Florestan Fernandes, além de outros autores, buscando não somente encontrar respostas para o questionamento feito acima, como também a possibilidade de indicação de um caminho para que a diversidade no Brasil possa ser respeitada e não alvo de violência e morte. A sugestão no questionamento para a problematização se dá em, mesmo o ser humano, independentemente de qual seja sua profissão de fé, fazendo parte de um mesmo construto criado por Deus, pela cosmovisão cristã, aponta claras evidencias do suicídio da Criação ao se utilizar de um mineral para a morte de seu semelhante, ou seja a criação tentando matar a criação.

Palavras-chave: Criação. Racismo. Religião. Violência. Suicídio.

INTRODUÇÃO

É alarmante perceber o grau de violência que faz com que o outro não seja percebido como nosso outro. A falta de observação ontológica para com o "não eu", expressão cunhada por Paulo Freire em sua celebre obra A Pedagogia do Oprimido quando diz que "Na verdade, não há eu quem se constitua sem um não-eu." (FREIRE, 2016, P. 99), traz após si uma gama esmagadora de atitudes e ações que somente demonstram o desamor e a morte. Nestas linhas a tentativa é de refletir sobre o que leva os conceitos

* Graduado em Gestão de Marketing pela Faculdade Boa Viagem – FBV (2004), Pós-graduado em Marketing Estratégico pela Faculdade para o Desenvolvimento de Pernambuco FADEPE (2008), Graduando em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana.

individuais ou de um grupo ser tão intensos ao ponto de a vida perder seu valor e a desumanização ganhar ares de definição e eliminação de um suposto mal.

Há aparentemente uma crescente do fundamentalismo que, para além de conservar certos costumes, quer trazer de volta práticas odiosas e odientas de eliminação. A espiritualidade de amor, superação das diferenças, cuidado com o outro e cuidado com a vida parecem ter dado lugar a uma hipervalorização de dogmas estáticos de religião, que criam outra "espiritualidade", esta, avessa ao altruísmo e adepta ao individualismo, ou no máximo dada ao sectarismo que fecha num grupo de iguais a "verdade" única e imutável de que se um parâmetro não for atendido a penalização com o extermínio é a solução.

É apoiado neste pensamento que me ponho a refletir sobre o fato que gesta este artigo. Estar inconformada ou inconformado com a própria existência, ou a própria ineficiência frente a um mundo pode ser um motivo que leve o sujeito a atentar contra a própria vida. E matar, ou tentar exterminar o que consigo compõe a Criação de Deus é um expresso ato contra a própria existência, de se matar enquanto criação, de se destruir por estar inconformado com o, mediante a isolada visão, não atendimento aos parâmetros corretos para existir. Assim o suicídio seria o caminho para sanar o problema.

Como já é sabido, este artigo parte de um lugar para ser escrito. E o lugar de onde esta reflexão parte é a cosmovisão cristã, mas pode lançar mão da cosmovisão e da teologia africana, que muito contribui com suas definições a respeito de o ser humano fazer parte do todo criado (Kosmos) e de sua relação com a imanência do poder criador do universo, poder este manifestado nesta criação. Assim, afirma-se que aqui se compreende que o poder que criou tudo que existe é muito grande para caber apenas na cosmovisão ou teologia cristã, ao passo em que se admite os limites desta leitura e que este ser não criado é manifesto e por assim o ser, é percebido por outros olhos e culturas componentes de sua criação. Mesmo assim,

utilizaremos nestas linhas termos pertencentes mais à cosmovisão cristã, por ser este o lugar de fala deste autor.

A CRIAÇÃO

Observando os primeiros relatos da criação de Deus, é necessário perceber alguns aspectos sem os quais a leitura e a reflexão a este respeito podem ficar incompletas e tendenciosos a desdobramentos errôneos na prática da espiritualidade e da fé.

O primeiro destes aspectos que podem ser ressaltados aqui é a unidade. Olhando para os primeiros relatos contidos na Bíblia sobre a criação, mesmo encontrando duas expressões do desenrolar desta narrativa, aqui observa-se ainda assim a unidade presente na criação. Unidade por ser apenas um o autor da criação, mesmo encontrando o texto de Gênesis onde afirma "[...]Façamos o homem a nossa imagem, com a nossa semelhança.[...]" (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gênesis 1: 26) e isto sugeriria mais de um sujeito na ação, esta unidade é compreendida na Trindade que constitui a coletividade perfeita no Deus criador a saber Yahweh.

O outro aspecto que pode ser aludido aqui nos leva a adjetivação usada pelo autor da criação no texto destes registros, onde ao final de sua obra, o autor a avalia e tem narrada sua constatação da seguinte forma: "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom." (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gênesis 1: 31). Aqui, não nos restam dúvidas que para além de a criação ser um todo criado por Deus e único, vemos que ela agradava ao criador. Podemos então inferir que não há nada que tenha sido criado por Deus e onde Ele está manifesto e não seja bom. O contrário pode também ser verdadeiro, compreendendo que o mal está onde não está Deus. Neste sentido podemos refletir que a leitura mal orientada dos escritos para a espiritualidade cristã pode ocasionar espasmos de violência

que são frutos desta má leitura e interpretação. O teólogo José Comblin nos ajuda nesta compreensão quando afirma que:

> A teologia sistemática coordena todas as contribuições dos séculos passados, apresenta a ajuda da tradição de vinte séculos, para tornar a leitura da bíblia mais frutuosa. Querer construir um sistema de proposições seria exatamente a morte da teologia: não seria estimular a leitura da Bíblia para descobrir-lhe o sentido com um olhar cada vez mais enriquecido: seria parar o movimento pelo qual o teólogo procura entender cada vez melhor o que Deus pretende comunicar aos homens.
>
> A teologia sistemática é uma introdução para principiantes. Sua finalidade é [...] mostrar as linhas mestras da revelação, evitar as confusões com outros conceitos não revelados, [...] (COMBLIN, 1968, p. 13)

Desta forma evitaríamos que a leitura de textos tais como "O salário do pecado é a morte." descambassem na percepção de que o que é diferente do parâmetro particular de certo seja errado e por conseguinte pecado e isso justifique a morte ou o extermínio do semelhante, do outro.

É neste ponto que se dividem os que conhecem os princípios do cristianismo e os que defendem jargões sem fazer uma leitura crítica e uma relação entre falas e ações, conceitos e consequências destes princípios que muitas vezes são criados para o contágio de multidões, mas criados apartados de qualquer embasamento verdadeiro. Acabam sendo letra arrancada do contexto e implantada nos corações das pessoas como escritas em pedra. Neste momento surge a violência em defesa da fé, da moral e dos bons costumes.

O CASO KAILANE CAMPOS

No ano de 2015 o Rio de Janeiro foi um dos palcos do que tem se popularizado no Brasil como Intolerância Religiosa. Talvez alguns discordem do uso do termo "intolerância" pelo fato de que tolerar coloca quem tolera num patamar acima do que quem é tolerado. As religiões diferentes do cristianismo, ainda mais as de matriz africana, que já foram, e continuam

sendo há séculos rebaixadas a condição de termos extremamente pejorativos, não precisam da tolerância de outras religiões, nem tão pouco de sua anuência para existir. O que se precisa mutuamente é do respeito. Neste sentido, para alguns a palavra "tolerar" não seria a melhor a ser usada. Mas haja vista que é o termo que representa de forma mais largamente conhecida o que se quer dizer neste artigo, ele será usado com a ressalva de que não se quer aqui fazer um juízo de qual religião ou espiritualidade esteja acima, mas a reflexão de que os paradigmas defendidos e identificadores de uma não podem servir de justificativa para a desumanização de sujeitos pertencentes a outra. E isto foi o que aconteceu no triste episódio aqui estudado.

Uma garota de apenas 11 anos, acompanhada de seus parentes, saia de uma cerimônia em direção a sua casa. Ela e sua família, por estarem saindo de um encontro religioso de matriz africana transitavam na calçada e vestiam com seus turbantes e indumentárias. Foi neste instante que dois homens, munidos de suas Bíblias e em tom muito violento usavam de jargões evangélicos. "O que chamou a atenção foi que eles começaram a levantar a Bíblia e a chamar todo mundo de 'diabo', 'vai para o inferno', 'Jesus está voltando', afirmou a avó da menina, Káthia Marinho".[1]

Um dos homens, antes de fugirem num ônibus, atirou uma pedra que acertou a cabeça da garota de onze anos. Há que se perguntar, qual seria a intenção da pedra atirada, que não ferir ou matar?

Os jargões utilizados apontam o lugar de fala dos que agrediram. O empunhar da Bíblia aponta que tentam legitimar com aspectos atribuídos a religião cristã as ações praticadas, como se a regra contida ali fosse aplicada a partir do seu ponto de vista individual, contrariando a orientação mencionada acima de José Comblin principalmente contrariando a mensagem contida neste livro.

[1] http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html. Acessado em 09de outubro de 2018

Este tipo de ação aponta que as leituras mal orientadas do texto bíblico constituem praticas igualmente mal orientadas, como por exemplo, os apedrejamentos que se encontram em registros do povo de Israel como utilizados para as penalidades de determinados crimes. A questão aqui é que não se está diante de um crime, quanto mais que seja digno de apedrejamento, como se isso pudesse ser justificado por alguma lei. O que se pode então inferir é que estamos diante da prova cabal de que a Democracia Racial, cultuada por alguns autores de renome não se aplica ao Brasil pelo simples fato de o racismo, e este aqui analisado religioso por se tratar de um atentado mediante a profissão de fé do outro, permanece vivo e vigoroso na intenção de desumanizar sujeitos e suas formas de viver sua fé. Roger Bastide nos ajuda a compreender isto quando menciona em seu livro 'As Religiões Africanas no Brasil' que

> [...] em verdade o negro, numa democracia racial, é o homem esquartejado. Esquartejado entre a revolta contra o branco que tende a rejeitar, e a revolta contra si mesmo, que aumenta o seu sentimento de inferioridade. Esquartejado entre o protesto africano e a vontade de fundir-se, pela miscigenação na grande massa branca. Nos Estados Unidos, o mulato faz parte dos negros. Aqui, o mulato escapa à casta de cor e volta-se contra o negro; é ele, talvez mais que o branco, que alimenta contra seus irmãos os mais acirrados, os piores preconceitos (BASTIDE, 1960, p. 424)

E no bojo destes preconceitos está a herança da colonização que demonizou toda uma cultura, seja originária ou africana, e ao povo brasileiro que é dado às questões do sobrenatural, o que é demonizado é por extensão ruim e não necessita de nenhuma criticidade além do julgamento sumário. Nossa população em sua maioria, por obra da miscigenação se torna cada vez mais, como diz Bastide, "mulata" e se afasta do ser negro negando a dor que o acompanha.

Bastide chega a apontar que nesta direção autores como Gilberto Freire defendem a ideia da Democracia Racial tentando imprimir uma originalidade do povo brasileiro quando menciona que "De outro lado, considera-se que o amálgama de três etnias - a índia a africana e a europeia

- constitui a originalidade do Brasil: donde se chega sobretudo com, o apoio de Gilberto Freyre, a defender o "mulatismo"." (BASTIDE, 1960, p. 425)

Assim o fato de a negra e o negro empunhar seus símbolos religiosos e suas roupas características reafirmam a luta simbólica e que mantém de pé a placa onde pode ser lido que num país tão plural como o Brasil não pode uma espiritualidade depender da anuência de outra para existir. Ao contrário disto, dar manutenção na identidade de negras e negros, mesmo atraindo retaliações como a do caso mencionado aqui, afirmam a resistência deste "Novo Negro" mencionado por Florestan Fernandes, este negro e negra que se reafirmam na resistência ao passo que em suas palavras lemos que

> O *novo negro*, que se afirma como categoria social, e assusta o branco conformista, tradicionalista ou autoritário, não é um rebento do protesto negro, mas da luta pela vida e do êxito na competição inter-racial numa sociedade de classes multirracial. Por aí a modernização generaliza-se às elites em formação do meio negro e cria um "novo começo", [...] (FERNANDES, 1989, p.16)

É esta manutenção da luta que desagrada a quem se vê defendendo a fé cristã, ou a moral cristã, mas na realidade esta apenas defendendo sua posição por medo, não se sabe de quê. O que é possível perceber é que ambos, cristãos e candomblecistas, neste caso, fazem parte de uma mesma criação produzida pela divindade que não cabe dentro de um conceito religioso.

A TENTATIVA DE SUICÍDIO

Não quero aqui discorrer cientificamente quanto ao suicídio, deixando esta abordagem para os técnicos e especialistas, mas o mínimo que se pode perceber é que esta ação é atentar contra a própria vida. E como visto no começo deste texto, a criação de Yahweh tem como uma de suas características a unidade, sendo assim não é possível dissociar um sujeito

do outro dentro desta concepção, entendendo a mesma como um só construto, um só ser.

O "mulato", assim classificado por Bastide, passa a ser a maioria da população e por conseguinte, apenas no Brasil, não se vê como negro, assimila uma forma espiritualista-legalista na sua vivência da espiritualidade. Vemos esta característica muito fortemente representada na postura do neopentecostalismo, amplamente difundido no Brasil, que ao mesmo tempo que faz uso de terminologias que lembram em muito as manifestações religiosas de matriz africana, combate os "males" que julga advindos dela com jargões e práticas dignas da lei judaica. Esta postura legalista parece colocar nas mãos do sujeito os poderes de vida e morte e este sujeito faz uso deste poder arbitrando que o diferente, ou o que professa uma religião, e aqui em especial negra, é culpado do mal como podemos concluir que

> Deveras existe sempre o perigo de substituir a mensagem bíblica por um sistema elaborado a priori por um grupo de teólogos ou uma autoridade administrativa. Mas o perigo do erro do sujeito abandonado a si mesmo é maior ainda (COMBLIN, 1968, p. 12).

A Criação, o Kosmos parece estar insatisfeito com sua "corrupção" e tenta exterminar o que não lhe parece aceitável, mas não percebe que esta parte inaceitável e ele próprio, o ser uni chamado Criação que recebeu do artífice o adjetivo de "Muito Bom".

A pedra que atingiu a cabeça de Karoline, atingiu a cabeça de cada uma e cada um que são Criação de Yahweh. Atingiu a vida para levar a morte, mas antes de atingir partiu da ignorância quanto ao fato da unidade do ser, assim partiu da premeditação de atentar contra a vida e por ser a vida partilhada por tudo que fora criado, atentar contra a própria vida é suicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se finalmente que os autores consultados como referencial teórico observam o povo negro e encontram seus valores, atitude esta diferente do que vem sendo percebido a partir das massas de uma religião que cresce assustadoramente no país na mesma proporção em que a violência se desenvolve. A julgar que a religião cristã informa estar pautada nas bases do cristianismo, haveria que se observar a diminuição da violência onde a mesma estivesse presente, mas ao contrário disso pode-se ver os "representantes" midiáticos desta corrente do cristianismo vociferando violência após violência e de simbólica que é, ao cair nos ouvidos dos fieis se transmuta em violência física e quando direcionada a pessoas negras dá luz ao Racismo Religioso que figura neste texto como uma expressão, como indício da tentativa de suicídio por parte da criação de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002

BASTID, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil.** São Paulo: LIVRARIA PIONEIRA EDITORA, 1960

COMBLIN, José - **Os Sinais dos Tempos e a Evangelização**, São Paulo: Ed. Duas Cidades,1968

FERNADES, Florestan, **O Significado do Protesto negro** / Florestan Fernandes. São Paulo: Cortez, 1989.